

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Ópera Urbana (OPCN / OPSESCSP)

A avenida cultural de São Paulo

História de [Edey Emilia Geraldi da Fonseca](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 00/00/0000

Projeto Ópera Urbana
Entrevistado por Mauricio Rivero
Depoimento Edey Emilia Geraldi da Fonseca
Local São Paulo, 05/08/2009
Realização Museu da Pessoa
Depoimento OPSESCSP_CB016
Transcrito por Maria da Conceição Amaral da Silva

P – Boa tarde, senhora Edey.

R – Boa tarde.

P – Primeiramente eu gostaria de saber seu nome completo, local e data de nascimento.

R – Edey Geraldi da Fonseca, nascida em 28 de julho de 1931.

P – Local?

R – São Paulo, Bauru.

P – Quando que a senhora veio para São Paulo?

R – Em 1972.

P – Em que bairro?

R – Primeiro lá em Mirandópolis, depois aqui na Avenida Paulista.

P – Em que ano que chegou aqui na Avenida Paulista?

R – Em 74, mais ou menos.

P – E como que era a Avenida Paulista nessa época?

R – Ela sempre foi muito bonita, não é? Mas a gente recorda que haviam os casarões, que foram tombados depois. E que enfeitavam bastante a nossa avenida, e davam uma sensação de mais tranquilidade. Mas o progresso tem que vir, então daí foram substituídas por edifícios também

muito bonitos. Fazendo dessa Paulista aqui o exemplo de São Paulo e o símbolo de São Paulo.

P – Quando a senhora veio é a mesma casa em que a senhora mora hoje ou...?

R – É, eu moro num apartamento que ele existe há uns 30 anos mais ou menos ou mais. Mas é um apartamento bem edificado, do lado da Casa das Rosas. Da famosa Casa das Rosas, que é também um símbolo da Avenida Paulista, não é?

P – Certo. E a senhora passeava, qual que era o cotidiano aqui?

R – Ah, a gente tinha como meta assim passear na Paulista, ver aquela feira do MASP, e cinemas, e outros passeios, né?

P – Tem alguma fato marcante que a senhora tenha presenciado na Paulista?

R – Em relação a o que?

P – Algum evento que a senhora tenha visto, ou algum acontecimento que tenha te marcado?

R – Bom, acontecimentos que a gente relembra bem são as manifestações assim populares, tipo Copa do Mundo, essas festas que fazem que era bem alegre. É pena que o ser humano deturpa tudo e acaba destruindo as coisas bonitas que a gente tem, não é? E outra coisa que me lembra muito, a Casa das Rosas, que ela ia desde a Paulista até a Alameda Santos, e que depois foi construído aquele prédio atrás. E aí havia sempre uma senhora passeando com uma boneca no colo, que era, não sei se era esposa ou parente do dono da Casa das Rosas.

P – A senhora conversava com ela?

R – Não, porque ela era uma pessoa muito retraída assim, que ficava muito no seu eu e a gente não conversava com ela.

P – Antes da senhora vir morar aqui em São Paulo chegou a escutar da Avenida Paulista?

R – Ah, sim. Ela sempre foi a mais famosa de São Paulo, não é verdade? Embora a gente tenha a Berrini que é muito bonita, Estados Unidos, todas essas outras, a Brasil, a nossa agora ficou sendo a avenida cultural de São Paulo.

P – Quem que decidiu, a senhora que decidiu morar na Paulista mesmo ou alguém da sua família?

R – É, nós que decidimos por opção.

P – E a senhora teria alguma frase para dizer em relação à avenida?

R – Eu tenho um pedido a fazer: que o povo paulistano possa assim ter um pouco mais de consideração com a nossa avenida e não deturpar, não destruir, não jogar toco de cigarro no chão que a coisa fica muito feia, entende? E alguns pedidos mais que a gente tenta fazer assim para a prefeitura.

P – Então em nome do Museu da Pessoa e do Sesc São Paulo agradecemos aqui a sua entrevista.

R – Obrigada. E eu, a presença do Sesc aqui também foi um grande feito para essa nossa quadra, viu? Que ficou assim bem armado e bem cultural. Tá bom?

P – Tá certo, obrigado.

FIM DA ENTREVISTA